

# EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

UNIVERSITY EXTENSION AND THE LANDLESS RURAL WORKERS' MOVEMENT: AN EXPERIENCE REPORT

LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA Y EL MOVIMIENTO DE LOS SIN TIERRA: UN INFORME DE EXPERIENCIA

Adauto Cruz de Souza<sup>1</sup>  
Maria Sara de Lima Dias<sup>2</sup>  
Pedro Moreira da Silva Neto<sup>3</sup>  
Thiana Maria Becker<sup>4</sup>  
Estevão Antônio de Sousa<sup>5</sup>  
Marcos Vinícios Rodrigues dos Santos<sup>6</sup>

## RESUMO

Objetivou-se analisar uma visita guiada ao Assentamento Contestado, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST, localizado no município de Lapa-PR, realizada pelo projeto TUTOR - Tecnologia, Trabalho e Orientação. O projeto de extensão visa a aproximação entre acadêmicos e a comunidade com o intuito de reforçar o tripé universitário, composto pela pesquisa, ensino e extensão. O projeto de extensão TUTOR promoveu uma visita guiada ao assentamento na qual participaram trinta e seis alunos de graduação e pós-graduação, os participantes conheceram o assentamento, sua história e práticas. Após isso, elaboraram um relato de observação e o documento foi submetido à análise de conteúdo. Como resultado destas análises, revelaram-se percepções sobre o MST, que são estereotipadas e predominantemente moldadas por narrativas das classes dominantes e são veiculadas pelos meios de comunicação oficiais e extraoficiais. Considera-se, portanto, que a experiência de extensão é fundamental para nortear projetos de formação mais qualificados.

**Palavras-chave:** *extensão; movimentos sociais; universidade.*

<sup>1</sup> Mestrando no programa de pós graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

<sup>2</sup> Dra., Profa. titular do programa de pós graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

<sup>3</sup> Doutorando na Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

<sup>4</sup> Doutoranda no programa de pós graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

<sup>5</sup> Mestrando no programa de pós graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

<sup>6</sup> Graduando no curso de Educação Física na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

## ABSTRACT

The objective was to analyze a guided visit to the Contestado Settlement, of the Landless Rural Workers Movement/MST, located in the municipality of Lapa-Pr, carried out by the TUTOR project - Technology, Work and Guidance. The extension project aims to bring academics and the community closer together with the aim of reinforcing the university tripod, comprising research, teaching and extension. The TUTOR extension project promoted a guided tour of the settlement in which thirty-six undergraduate and postgraduate students participated, the participants learned about the settlement, its history and practices. Afterwards, they prepared an observation report and the document was subjected to content analysis. As a result of these analyzes, perceptions about the MST are revealed that are stereotypical and predominantly shaped by narratives of the dominant classes that are conveyed by the official and unofficial media. It is therefore considered that extension experience is essential to guide more qualified training projects.

**Keywords:** *extension; social movements; university.*

## RESUMEN

El objetivo fue analizar una visita guiada al Asentamiento Contestado, del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra/MST, ubicado en el municipio de Lapa-Pr, realizada por el proyecto TUTOR - Tecnología, Trabajo y Orientación. El proyecto de extensión pretende acercar a los académicos y la comunidad con el objetivo de reforzar el trípode universitario, que comprende investigación, docencia y extensión. El proyecto de extensión TUTOR promovió una visita guiada al asentamiento en la que participaron treinta y seis estudiantes de pregrado y posgrado, los participantes conocieron sobre el asentamiento, su historia y prácticas. Posteriormente elaboraron un informe de observación y el documento fue sometido a análisis de contenido. Como resultado de estos análisis, se revelan percepciones sobre el MST que son estereotipadas y predominantemente moldeadas por narrativas de las clases dominantes transmitidas por los medios oficiales y no oficiales. Por tanto, se considera que la experiencia en extensión es fundamental para orientar proyectos de formación más cualificados.

**Palabras clave:** *extensión; movimientos sociales; universidad.*

## 1 EXTENSÃO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

A extensão universitária deve atuar integrando os elementos de ensino e pesquisa e, desta forma, o Projeto TUTOR - Tecnologia, Universidade, Trabalho e Orientação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná- UTFPR tem o propósito de promover a extensão universitária através da educação em disciplinas extensionistas, em palestras, cursos e oficinas. O projeto se concentra na investigação das dinâmicas entre o indivíduo e a sociedade, bem como nos efeitos dessas interações na subjetividade do sujeito que aprende uma nova realidade. Além disso, visa apoiar os estudantes no seu desenvolvimento pessoal, através da expansão de suas perspectivas, aprimorando seu senso crítico sobre o mundo a sua volta.

O Projeto TUTOR, constitui uma iniciativa de extensão iniciada em 2017 e envolve a participação ativa da comunidade interna da universidade e da ação de colaboradores externos. O processo de ensino e aprendizagem está inscrito em uma determinada realidade sociocultural, econômica e política da qual toma parte (Veja, 1996). Desta forma, a universidade não pode ser um, se isolar da dinâmica social que envolve conhecer os movimentos sociais. Isso fortalece os laços da universidade com a realidade da comunidade. Ao conhecer os movimentos sociais, em especial o MST, objetivou-se proporcionar aos alunos oportunidades de interação direta com um diverso contexto de aprendizado (Vega, 1996).

O elemento inovador da extensão universitária é a exploração de novos interesses profissionais dos jovens por meio de visitas técnicas ou guiadas, metodologia essa que se caracteriza pela participação ativa do aluno. As visitas guiadas ou técnicas facilitam ainda a compreensão da teoria repassada em ambientes formais de aprendizagem, tornando o movimento de aprender mais dinâmico, atrativo e eficiente.

Diante disso, essa metodologia escolhida visa aproximar o aluno do mercado de trabalho, possibilitando a vivência dos processos que permeiam as práticas diárias. Vale ressaltar que, dentro da ciência educacional, a visita técnica é classificada como um método de ensino participativo, sendo aquele “centrado na participação ativa de quem aprende. A aprendizagem realiza-se na participação do educando” (Brasil, 2013).

Ainda, Costa & Araújo (2012) compreendem essa metodologia de ensino “como ferramenta complementar de grande relevância para formação acadêmica já que permite aos alunos aperfeiçoarem o que aprendem em sala de aula e aprimorar a compreensão ‘*in loco*’ dos termos técnicos e conceitos observados na prática”.

Desta forma, a relação entre o ambiente acadêmico e o mundo do trabalho envolve diversas modalidades de troca de conhecimento e, no plano político, a formação de cidadãos livres e críticos deve ser construída para além de uma formação para o mercado desenvolvida por políticas econômicas ultraliberais.

Ao considerarmos o Projeto TUTOR como referência, pode-se identificar a possibilidade da extensão estar alinhada com os objetivos de conhecer a realidade do entorno, permitindo a realização de atividades concretas que fomentem o debate sobre os problemas sociais. Aproximando essa ideia ao que se busca conhecer através da visita técnica ou guiada, aprende-se ainda sobre o uso de uma economia social que se

constitui como terceiro setor (entende-se que o primeiro setor é o público, estado e governo; e o segundo setor, as empresas privadas) e que abarca, em sua esfera, formas de organização, como o associativismo, o cooperativismo e o mutualismo, pautando suas formas produtivas. Formas estas que encontram-se sendo aplicadas nos espaços ocupados pelo MST, visando uma melhoria da qualidade social, desenvolvendo projetos sociais que intentam o contínuo progresso da comunidade e do próprio homem.

Dessa forma, de modo integrado, a Universidade, através de seus projetos, dos espaços educativos e de produção visitados, tem em sua essência a construção e transformação da realidade social, por meio de sua contribuição ao desenvolvimento humano e social (Pinto, 2008; Medeiros, 2004).

Conhecer a realidade do movimento social está para além de aceitar as bases deste movimento, com vistas apenas ao direito à propriedade da terra. É proporcionar aos alunos a oportunidade de explorar um entendimento interpretativo sobre os diversos aspectos da sociedade, da vida na cidade e no campo, do exercício da cooperação coletiva, da produção com respeito a terra e ao meio ambiente, desvelando processos ideológicos associados ao movimento social do MST, elucidando a importância e implicação de estudos multidisciplinares que, de forma crítica, desvelam a realidade e fazem entender o contexto em que estão imersos. “O impacto da visita guiada na formação do estudante contribui possibilitando o contato direto com o cotidiano dinâmico e complexo da sociedade” (De Souza et al., 2014, p.3). A partir de um ensino que se democratiza e amplia o seu escopo de ação, surge uma necessidade social na escola pública, que é dar resposta aos problemas sociais, uma ação que é percebida pelos alunos como cidadania, e essa orientação é indispensável para a formação dos alunos, como parte de um projeto de integração entre universidade e comunidade e que exerce uma influência positiva no rompimento de ideias estereotipadas sobre o movimentos sociais, possibilitando, aos estudantes, através da imersão nas vivências da comunidade, ressignificar concepções errôneas e, por vezes, preconceituosas sobre o MST.

Nesse contexto, foi selecionado para a visita o Assentamento Contestado, administrado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST, localizado no município da Lapa-PR, com o intuito de conhecer a organização social do MST, histórico, modo de trabalho e o modelo de produção. O MST, fundado em 1984, é considerado

um dos maiores movimentos camponeses do mundo. É filiado à Via Campesina, fundada em 1993, em Mons, Bélgica, e com sede em Bagnolet, França. É um movimento internacionalista, autônomo e pluralista, que congrega organizações camponesas de pequenos agricultores, trabalhadores rurais, mulheres camponesas e comunidades de povos originários da América, da África, da Ásia e da Europa.

O MST tem um modo de produção que deve ser adotado pelos agricultores em seus assentamentos, o modelo agroecológico. Esse modelo de produção ocorre devido à percepção de que é necessário priorizar as dimensões ligadas ao trabalho e à produção, aspectos econômicos da existência e outras dimensões da vida (Borsatto et al., 2007).

A Agroecologia se torna central no MST não somente como modo de produção sustentável, mas também sendo um questionamento político em relação às políticas agrícolas que são adotadas pelo Estado brasileiro, que fomenta uma agricultura de larga escala, mecanizada, voltada para a exportação e dependente de complexos agroindustriais oligopolizados (Costa Neto e Canavesi, 2003; Karriem, 2009). Como bem apontam Gonçalves (2008), Barcelos (2010) e Borges (2010), foi a partir do IV Congresso Nacional que o MST decidiu e construiu as diretrizes da Agroecologia como sendo a base na qual deveria se construir a realização da reforma agrária no Brasil. Em relação à destinação da produção, sugeriu-se que esta deveria estar voltada prioritariamente à segurança alimentar da família, garantindo alimentação de qualidade e abundante.

## **2 PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA, MST E A UNIVERSIDADE**

A concentração da riqueza da terra e os impedimentos legais para a reforma agrária fomentam as desigualdades. A questão do direito à terra exige a reforma agrária, o Brasil é o quinto maior exportador de produtos agropecuários (IBGE, 2006) e detém 72 milhões de brasileiros habitando residências em estado de insegurança alimentar (IBGE, 2004). Contra a concentração de terras e má distribuição de alimentos e renda, movimentos sociais ocupam e resistem, criando assentamentos e forçando o governo a cumprir a reforma agrária e a determinação constitucional (Girardi, 2008).

A reforma agrária no Brasil tem sido promovida ao longo do tempo através da

luta pela terra, liderada por movimentos sociais, uma trajetória que remonta ao século XIX, incluindo episódios como Canudos, Contestado, Ligas Camponesas e, sobretudo, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que surgiu no final do século XX. As atividades desses movimentos têm gerado mudanças significativas nas esferas social, econômica e política da estrutura de propriedade de terras, ao mesmo tempo em que conquistam porções adicionais de território (Fernandes, 2017).

Para Desmarais (2007), os movimentos sociais que lutam por terras e pela reforma agrária não implicam em rejeitar a modernidade ou a tecnologia, mas sim propõe uma síntese que integra elementos tradicionais e locais do conhecimento camponês com o uso da tecnologia de maneira flexível, de acordo com as necessidades das comunidades, buscando um modelo que harmonize a ciência com o saber tradicional, visando aprimorar as condições de vida da população.

No final da década de 1990, os movimentos sociais rurais, incluindo o MST, passaram a promover a agroecologia como uma abordagem sustentável que também visa garantir a segurança alimentar. Esse desafio, em relação ao modelo produtivo industrial, exigiu, e ainda requer, a colaboração e engajamento dos agricultores na definição das prioridades de pesquisa e inovação tecnológica, trabalhando em conjunto com pesquisadores, técnicos e extensionistas. Lamentavelmente, persistem obstáculos significativos no desenvolvimento e na expansão da agroecologia no contexto da pesquisa, uma vez que, frequentemente, as investigações na agricultura estão condicionadas aos interesses econômicos e institucionais de grandes grupos vinculados ao agronegócio (Altieri, 2012).

O agronegócio, inicialmente introduzido no Brasil com o objetivo de garantir segurança e autonomia alimentar, rapidamente desviou-se significativamente dessa meta original. No presente, a maioria dos produtos agrícolas produzidos pelo agronegócio são exportados como *commodities*, como soja, milho e café, ou direcionada para a fabricação de itens não relacionados à alimentação, como biocombustíveis e etanol (Araújo; Oliveira, 2017). Esse panorama contribuiu para que o Brasil, desde 2008, assumisse o título de maior consumidor mundial de agrotóxicos, com um aumento de 190% no mercado somente na última década (Lopes; Albuquerque, 2018).

A universidade deve romper de forma definitiva com seu isolamento e, gradualmente, integrar-se à vida cotidiana para além dos limites acadêmicos restritos,

não podendo renunciar ao seu papel ativo na sociedade no que diz respeito à promoção de mudanças e transformações sociais. É de extrema importância que esteja em contato com as forças dinâmicas da sociedade, situando-se no centro dessas mudanças. Seu compromisso deve ser preservar, renovar e transmitir o conhecimento (Lira, 1998).

O MST, desde seus primórdios, acho que aprendeu – pode ter aplicado mal, mas procurou assimilar – tanto das organizações da classe trabalhadora que que nos antecederam, na que nos antecederam, seja no mundo camponês, seja no mundo político partidário, seja nas Universidades, nós apreendemos que independente da natureza do Movimento deveríamos incorporar como uma prática militante a necessidade de pesquisar, de estudar, de se aprofundar para resolver os problemas que a luta de classe iria nos colocar (Stédile, 2007, p.19).

Se a academia se interessa pelos movimentos sociais, estes estão interessados em romper a equidistância que aquela, por longo tempo, manteve do poder popular. O MST avalia que sua interação com a academia é importante para seu autoconhecimento, produção de saber e, fundamentalmente, para que a teoria e prática engendrem novos conhecimentos (Dias et al., 2020).

### **3 RELATO DE EXPERIÊNCIA DA VISITA GUIADA**

As visitas técnicas, ou visitas guiadas, como método extensionista, desempenham um papel crucial na orientação de estudantes universitários na aproximação com a comunidade do entorno, pois servem como uma complementação didático-pedagógica das disciplinas teóricas e práticas, contribuindo também com a aproximação dos alunos com diferentes ambientes e realidades culturais, nas quais o trabalho pode ser aplicado. “A indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão denota formação de pessoas (ensino) e produção de conhecimento (pesquisa), através de metodologias participativas com atores sociais em um diálogo no formato de investigação-ação” (Souza, 2013, p.49).

A visita guiada ao Assentamento Contestado, do MST, foi realizada como parte do projeto de extensão TUTOR, os alunos participantes foram selecionados com base em seu interesse, curiosidade e disponibilidade para a atividade no campo. A equipe executora do projeto TUTOR desempenhou um papel fundamental na organização, que incluiu a seleção dos alunos, a definição da data e logística da viagem, uma vez que o Assentamento Contestado fica a 64 km de distância da UTFPR. Além de assegurar que os

objetivos acadêmicos da visita fossem claros e bem alinhados com o currículo de uma disciplina extensionista, no caso o Planejamento de Carreira, disciplina optativa ofertada desde 2017 pelo Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, DAFICH.

Em primeiro lugar, é preciso pontuar que a organização da visita também envolveu a cooperação e coordenação de pessoas que são legítimas representantes do MST, posto que estavam no movimento desde o seu início, há 25 anos. Os guias selecionados pela comunidade forneceram ao grupo informações sobre o assentamento, sua localização e histórico, bem como as expectativas e diretrizes para a visita. Além de oferecer um guia, foram ofertados aos participantes a alimentação produzida no próprio acampamento, bem como palestras aos estudantes em visita. Essa colaboração aproximou os estudantes envolvidos na forma de vida dos assentados e nas atividades produtivas que estes desenvolvem em seu cotidiano, bem como nos problemas e na busca de soluções para a produção de alimento.

O roteiro de visita foi definido pelos participantes, sempre em diálogo com os representantes do MST, e incluíram as áreas de produção agrícola, habitações, espaços comunitários e reuniões com membros da comunidade. Esse roteiro foi projetado para proporcionar uma visão abrangente da vida no assentamento.

Durante a visita, os tópicos discutidos incluem a história do movimento MST, a reforma agrária, a organização da comunidade, os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas. Além disso, foram discutidos temas relacionados à agricultura sustentável, educação popular e aspectos sociais e econômicos do assentamento.

Os alunos participaram ativamente das discussões e interações com os membros do MST, tendo a oportunidade de fazer perguntas, compartilhar suas próprias experiências e reflexões, e colaborar em atividades práticas, como o trabalho no campo, quando apropriado. O dia da visita foi repleto de atividades que proporcionaram uma imersão na realidade do assentamento. Os alunos tiveram a chance de vivenciar o cotidiano dos moradores, participando de reuniões comunitárias, auxiliando nas atividades agrícolas e compartilhando refeições com as famílias locais. Isso permitiu uma compreensão mais profunda e empática da vida no assentamento.

Este procedimento da visita guiada serviu como base para a realização posterior de um relato de extensão, que documentou a experiência dos alunos durante a visita, destacando os aprendizados, descobertas e as reflexões resultantes dessa interação. A



visita permitiu que os alunos tivessem uma vivência prática de conceitos e teorias apresentadas pelos guias do movimento na prática social. Isso torna a aplicação do conhecimento acadêmico-científico mais aplicada a busca de soluções para os problemas sociais, sendo compreensível a aplicação de um conhecimento contextualizado, para o desenvolvimento sustentável.

A interação direta com os membros do assentamento pode despertar empatia pelo movimento social e sensibilização sobre a agroecologia. Os alunos podem ver as condições de vida e trabalho da comunidade e entender os múltiplos desafios enfrentados por elas, desde a produção, o armazenamento e a distribuição de alimento natural e sem agrotóxico. Tais observações das questões sociais e econômicas que afetam a comunidade permitiram aos alunos desvendar a importância da aprendizagem de disciplinas para a aplicação prática na solução dos problemas enfrentados pela comunidade campesina.

Isso proporcionou base para a elaboração de relatórios, nos quais os alunos puderam relatar como as engenharias podem contribuir com a temática da reforma agrária, da distribuição de terras, justiça social e políticas públicas, usando suas experiências como ponto de partida. Essas discussões promovem um pensamento crítico mais profundo e uma compreensão mais abrangente desses tópicos. Conhecer o assentamento pode inspirar os alunos a se envolverem em atividades de voluntariado, projetos de pesquisa e ações de extensão relacionados aos problemas enfrentados pelos assentamentos do MST e outras comunidades em situações semelhantes, fortalecendo o engajamento cívico e social. A experiência da visita contribui para o desenvolvimento pessoal dos alunos, promovendo valores como empatia, responsabilidade social e cidadania ativa. Eles não apenas adquiriram conhecimento, mas também desenvolveram habilidades interpessoais e uma perspectiva mais ampla sobre o mundo.

#### **4 RELATOS DA EXPERIÊNCIA**

A visita ao assentamento do MST proporcionou uma experiência de aprendizado e intercâmbio entre os alunos da universidade e os membros da comunidade. O balanço da visita é realista e pragmático, como no seguinte depoimento:

No começo quando a professora propôs a ideia não tinha muita familiaridade com o MST, e só tinha uma impressão ruim deles (o que normalmente aparece nas notícias de seus protestos). Contudo, fui com mente aberta para a visita de hoje (16/09/2023), e realmente mudei totalmente minha visão, algo que pensava ser apenas um grupo de pessoas sem terra fazendo protestos e atrapalhando, na verdade era uma organização com objetivos nobres, que é organizada e demonstra em um exemplo prático, como uma sociedade deveria ser, uma comunidade unida, todos trabalhando para todos para que todos tenham um pouco (Estudante de Graduação 1).

Observa-se que um ensino realizado através de uma visita guiada possibilita uma outra modalidade de ensino, na qual o processo de aprendizagem extensionista ultrapassa os limites da escola pública, bem como os limites dos juízos de valor e crenças, oferecendo ao aluno a oportunidade de considerar sem discriminar outros tipos de trabalho e de ocupação. Esperava-se que a visita oferecesse uma visão mais abrangente a respeito da vida em um assentamento do MST, bem como uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pela comunidade, sustentando bases de princípios de igualdade e de oportunidade para todos os membros da organização. Além disso, os objetivos incluíam a promoção do diálogo e do respeito mútuo entre os participantes, como exemplifica o depoimento a seguir:

No assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) fomos recebidos por um membro mais velho do movimento, que na entrada nos introduziu sobre a história do MST, afirmando que o movimento já tem mais de 20 anos e atualmente nesse assentamento estão mais de 190 famílias, no movimento todo dentro do Paraná há mais de 22 mil famílias e mais de 320 assentamentos. O guia explicou valores do movimento, como produzir uma diversidade de alimentos sem agrotóxicos, de forma agroecológica e os disponibilizamos para venda direta para população, tornar terras abandonadas em produtivas, busca pela reforma agrária, além disso, evidenciou a diferença de grandes monoculturas que não voltadas para alimentação da população, mas sim para a exportação (Estudante de Graduação 2).

Um currículo encerrado em si mesmo não pode ter o alcance de uma atividade extensionista, a visita guiada conecta os alunos com os problemas da prática social, obrigando os alunos a refletirem sobre o aqui e o agora e, sem dúvida, possibilita serem interrogantes da realidade, podendo aplicar isso em qualquer disciplina. Os alunos tiveram a oportunidade de aprender sobre a história do MST, os esforços para a reforma agrária e a organização comunitária, tendo sempre como prioridade a vivência e o trabalho coletivo. Eles também vivenciaram o cotidiano da comunidade, contribuindo em atividades práticas e participando de discussões relevantes sobre temas pertinentes

como a agroecologia, que segue:

Agroecologia, essa é a palavra que representa o modelo de cultivo do MST. É interessante comentar que se trata de um regime em que quem trabalha na terra está diretamente inserido nela, de tal maneira que as casas dos trabalhadores ficam a no máximo 50 metros de onde o plantio ocorre. Isso posto, simplesmente não seria possível o uso de agrotóxicos ou técnicas que agridem o solo. Essa técnica visa o cultivo sustentável e preservação dos recursos naturais sem desequilibrar o ecossistema local. Um bom exemplo é o uso de mata auxiliar para evitar a erosão do solo arenoso da região. O manejo correto da terra está vinculado com o sucesso do assentamento, no início essas técnicas não eram dominadas pelos assentados e somente um tempo depois que o grupo obteve sucesso. Hoje eles produzem alimentos orgânicos e de qualidade para o próprio consumo e para a comercialização na região, inclusive estão presentes nos pratos das cantinas de escolas da região. Durante a pandemia mais de 130 mil marmitas foram distribuídas, por eles, em Curitiba e arredores a pessoas em situação de risco. O Brasil destaca-se pelo agronegócio, principalmente pelo plantio da soja, entretanto ficam as perguntas: qual o impacto da soja no dia a dia do brasileiro? Qual foi a última vez que você comeu soja? (Estudante de Graduação 3).

Foi possível também observar que a realidade local no assentamento era mais complexa do que a imagem veiculada na mídia. Os alunos perceberam que a luta por terra e justiça social envolvia desafios econômicos, sociais e políticos intrincados. Além disso, puderam constatar a resiliência e solidariedade da comunidade, expressa no seguinte depoimento:

A visita proporcionou um enriquecimento histórico e intelectual significativo, permitindo-nos compreender melhor o movimento, suas lutas, sua organização e o cotidiano dos assentados (Estudante de Graduação 4).

No futuro, os alunos poderão continuar a utilizar os insights adquiridos durante a visita para aprofundar seu compromisso com a justiça social e a cidadania ativa (Brognoli e Dias, 2021). A universidade pode fortalecer seus laços com movimentos sociais, criando oportunidades para mais interações significativas. O movimento dos Sem-Terra pode continuar a promover a conscientização sobre suas lutas e a importância da reforma agrária.

Ao visitarem o assentamento Contestado, os alunos puderam confrontar a experiência com suas impressões, levando-os a novas interpretações. As principais impressões podem ser constatadas nos relatos dos alunos, conforme segue:

O que se vê é uma estrutura produtiva preocupada com a qualidade de vida de seus trabalhadores, com sua conscientização política, com o equilíbrio socioambiental e com a saúde das pessoas que irão

receber seus alimentos (Estudante de Pós-Graduação).

Diante desses relatos, pode-se afirmar que, além de conhecer o assentamento e sua história, os participantes aprenderam uma série de valores do movimento e tiveram uma compreensão mais completa da realidade local, percebendo que esta é maior do que muitas vezes é retratada na mídia.

## **5 RELAÇÃO DA PRÁTICA COM OS CONCEITOS DE EXTENSÃO**

A visita proporcionou uma oportunidade significativa de engajamento comunitário, colocando os alunos da universidade em contato direto com a realidade local. Isso é um elemento fundamental da extensão, que visa promover a interação entre a academia e a comunidade. Durante a visita, ocorreram discussões e diálogos construtivos entre os alunos e os membros da comunidade, permitindo uma troca de ideias e experiências. Essa abordagem é central para a extensão, que valoriza a aprendizagem baseada na ação, indo além das salas de aula e dos livros. A prática também ajudou os alunos a compreenderem a complexidade da realidade local, indo além das representações midiáticas e promovendo uma compreensão mais profunda das questões locais e regionais.

Além disso, a atividade teve como objetivo contribuir para o bem-estar da comunidade visitada, promovendo a justiça social e a conscientização sobre a reforma agrária. Isso está alinhado com o princípio da extensão de contribuir para o bem comum e o desenvolvimento sustentável da sociedade. A visita proporcionou uma experiência de aprendizado significativa para os alunos, que puderam aplicar seus conhecimentos de forma prática e, ao mesmo tempo, colaborar com a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Esses resultados demonstram a importância das práticas de extensão universitária na promoção do engajamento comunitário, aprendizado experiencial, diálogo e compreensão da realidade local, além de contribuir para o bem-estar da sociedade como um todo.

Em conclusão, a visita ao assentamento do MST resultou uma compreensão realista da vida local, oferecendo aos alunos uma oportunidade de aprendizado e intercâmbio. A atividade alcançou seus objetivos de promover o diálogo, respeito mútuo, rompendo estereótipos já postados pelas mídias, sensibilizando sobre a luta pela reforma agrária. Os *insights* adquiridos podem servir como base para futuras colaborações entre a universidade

e o movimento dos Sem-Terra, fortalecendo o compromisso com a justiça social e a cidadania ativa.

Durante a visita, lideranças do MST apresentaram aos participantes as propostas da Cooperativa Terra Livre, do Complexo Educacional, da Escola Latino Americana, do Centro Cultural, da Saúde Popular e do Projeto de Bioenergia. Os participantes conheceram o assentamento, sua história e suas práticas. Compreendeu-se, a partir dessa prática, que o Programa TUTOR facilitou aos participantes o entendimento acerca do MST, que são estereotipadas e predominantemente moldadas pelas narrativas veiculadas pela mídia. Espera-se que uma compreensão realista do movimento social contribua para a formação cidadã dos jovens universitários.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed. São Paulo – Rio de Janeiro: **Expressão Popular** – AS-PTA, 2012.

ARAÚJO, I. M. M.; OLIVEIRA, A. G. R. C. Agronegócio e agrotóxicos: impactos à saúde dos trabalhadores agrícolas no nordeste brasileiro. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 15, n.1, p.117,129, 2017.

BARCELLOS, S. B. **A formação do discurso da agroecologia no MST Seropédica, 2010.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais do Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

BRASIL. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Série Metodológica: metodologia de ensino do SENAR, vol. 5. 1. ed., Brasília: **SENAR**, 2013. 108p.

BROGNOLI, P. C.; DIAS, M. S. de L. A extensão universitária, a interdisciplinaridade e viabilidade durante o COVID-19: uma relação transformadora entre universidade e sociedade. **International Journal of Digital Law**, v. 2, n. 1, p. 33-34, 2021.

BORGES, J. L. **MST: do produtivismo à agroecologia.** São Paulo; Goiânia: Terceira Margem; Editora da PUC Goiás; 2010.

BORSATTO, R. S., BERGAMASCO, S. M. P. P., MOREIRA, S. S., FONTE, N. N., FIDELIS, L. M. e OTTMANN, M. M. A. Agroecologia e a valorização de novas dimensões no processo de reforma agrária: estudo de caso do acampamento José Lutzenberger. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 37, n. 8, p. 14-23, 2007.

COSTA, M. N. M. G., & ARAÚJO, R. P. A importância da visita técnica como recurso didático metodológico. Um relato na prática do IFSertão Pernambucano. *In: VII Connepi, Palmas*, 2012. Recuperado de <http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/1335/2166>. Acesso em 15/05/2024.

COSTA NETO, C. e CANAVESI, F. Sustentabilidade em assentamentos rurais: o MST rumo à "reforma agrária agroecológica" no Brasil? *In: ALIMONDA, H. Ecología política: naturaleza, sociedad y utopía.* Buenos Aires: Clacso, 2003.

DE SOUZA, P. H.; MOREIRA, D. S.; PEREIRA DE SOUZA, M. M. Uma breve descrição da Extensão Universitária na UNIFAL-MG. Interfaces - **Revista de Extensão da UFMG**, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 17–35, 2014. Disponível em: Educação da PUCPR (Educere) - Edição internacional, 8., 2008.

DESMARAIS, A. **La Vía Campesina: globalization and the power of peasants**. London: Pluto Press, 2007.

DIAS, M. S. de Lima et al. Extensão universitária em tempos de covid-19: um relato de experiência no projeto (tutor): Relato de Experiência. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, n. 1, 2020.

FERNANDES, M. J. C. Da luta pela terra à luta pela Reforma Agrária no Brasil. **Revista GeoInterações**, v. 1, n. 1, p. 55-67, 2017.

GIRARDI, E. P. **Proposição teórico-metodológica de uma Cartografia Geográfica Crítica e sua aplicação no desenvolvimento do Atlas da Questão Agrária Brasileira**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <[www.fct.unesp.br/nera/atlas](http://www.fct.unesp.br/nera/atlas)>.

GONÇALVES, S. **Campesinato, resistência e emancipação: o modelo agroecológico adotado pelo MST no Estado do Paraná**. Presidente Prudente, 2008. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista.  
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18939>. Acesso em: 08 out. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo agropecuário 2006. Rio de Janeiro: IBGE, 2006a. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>.

Segurança alimentar 2004. IBGE: Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>.

KARRIEM, A. The rise and transformation of the Brazilian landless movement into a counter-hegemonic political actor: a Gramscian analysis. **Geoforum**, 40, p. 316-325, 2009.

LIRA, R. P. Missões da universidade: a reforma agrária e a reforma urbana. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, v. 30, 1998.

LOPES, C. V. A.; ALBURQUERQUE, G. S. C. Agrotóxicos e seus impactos na saúde humana e ambiental: uma revisão sistemática. **Saúde Debate**, v.42, n.117, p.518-534, 2018.

MEDEIROS JÚNIOR, G. J. **Universidade e responsabilidade social**. 2004.

PINTO, M. M. **Responsabilidade Social Universitária como Indicador de Qualidade para o Ensino Superior**. Apresentado no Congresso Nacional De Educação, 8, 2008, CURITIBA.

SOUZA, C. F. L., **Política Nacional de Extensão Universitária: análise da experiência do Instituto de Ciências da Saúde (ICS) da UFPA**. Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

STÉDELI, J. P. **II Seminário Nacional: O MST e a Pesquisa**. Veranópolis, Cadernos ITERRA, Ano VII, nº 14, novembro 2007, p. 18.



VEGA, L. E. S.; PÉREZ, P. R. A. **Orientación y educación sociolaboral: una perspectiva curricular.** Eos, 1996.